

dupl 101 (#)

JOÃO MELCHIADES FERREIRA

DEFESA

FEITA

PELO Dr. IBIAPINA

ANTES DE SER PADRE

**(NA VILA DE BREJO DE AREIA,
HOJE CIDADE)**

PREÇO: . . . \$800 Reis.

Tip. «S. Francisco», Rua Sta. Luzia 269
JUASEIRO — CEARÁ

variante cat. top: 649

**DEFESA FEITA PELO Dr.
IBIAPINA ANTES DE
SER PADRE**

Francisco José

Ninguém se julgue infeliz;
Nem dezanime da sorte,
Viu-se no brejo de Areia
Da Paraíba do Norte,
Um réo escapar da forca
Já sentenciado a morte,

Quando o padre Ibiapina
Ainda éra doutor,
Que depois disso ordenou-se
E foi grande pregador,
Se foi bom advogado
Inda foi melhor pastor,

Tinha no brejo de Areia
Um rapaz que era engeitado
Um homem achou-o no campo
Morrendo desamparado,
Que nem se quer o umbigo
Quem deixou-o tinha cortado

A esposa desse homem
Nunca um filho concebeu
Criou Francisco José
Adotou-o por filho seu
Tanto que um sitio que tinha
Deixou-lhe quando morreu.



ANTUNES & CIA., LTDA.
Livreiros e Editores

Então Francisco José
Era um rapaz sem defeito,
Trabalhador e honrado
Andava sempre direito
Não tinha fortuna alguma
Mas vivia satisfeito.

O commendador Velozo
Alma negra e nodoadá,
Senhor de grande fortuna
Embora fosse roubada,
Porque o caráter dele
Pezava menos que nada,

Esse monstro era viuvo
Tinha uma filha somente,
E namorava-se dela
Achou mais conveniente,
Caza-la com rapaz pobre
Que gozava falcimente.

Pensava ele comsigo
Não há calculo tão serteiro;
Dou-a a um rapaz branca e pobre
Que não falta aventureiro
Que veja e faça que não
Com ambição no dinheiro.

Porem o calculo do máu
É muito raro acertar
O maldoso tem consigo.

A testemunha ocular
Faça ele o que quizer
Ela tem que revelar.

Foi ao Francisco José
Com as armas do traidor
E lhe disse: você é
Honesto e trabalhador
Quer casar com minha filha
Disse-lhe ele não senhor.

O commendor não sabe
Que eu fui um engeitado
Meu futuro é o trabalho
Em que eu fui acostumado
E não pretendo casar-me
Com filha de potentado.

O senhor procure um desses
A quem a fortuna cobre
Eu desejando casar-me
Prefiro uma moça pobre
Só desejo encontrar nela
Um caráter limpo e nobre.

Disse-lhe o commendador
Rapaz disso tudo eu sei
Minha filha não tem mãe
A tempos enviuei
Estou cahindo na idade
Não sei quando morrerei.

Não quero da-la a um doutor
Que não saiba trabalhar
Porque faltando-lhe carta
Elle não pode passar
Se tiver familia grande
Pede esmola ou vai furtar.

O assassino da honra
Tanto fez e seduziu
Com as formas do demonio
O miseravel iludiu
Agora vejam onde foi
Que o inocente cahiu.

Casou Francisco José
Achou sua esposa pura
Muito rica de dinheiro
Gado, terra, escravatura,
Carneiros cavalos e burros
Tinha com grande fartura.

Francisco José então
Tomou conta do que havia,
As seis horas da manhã
Com os escravos sahia,
Mandavam levar-lhe armoço
Ele no campo comia.

Quando ele voltava a tarde
Vinha sempre carregado,
Com feijão, milho e batata,

Quando havia no roçado
Sempre trazia nos hombros
Um cesto grande e pesado.

Sua mulher costumava
Espera-lo todo dia
E retirar-lhes dos hombros
O peso que ele trazia
Com aquele fingimento
Diariamente o trahia,

Um dia numa hora dessa
Francisco José chegou
Não encontrando a mulher
Abriu a porta e entrou
Sua mulher com o pae
Em adulterio os achou.

Mais rubro do que a braza
Que do fogareiro sae
Com o furor do curisco
Que da athmosphera cae
Desparou uma espingarda
Matando a filha e o pae

Ele morreu logo ali
Ela 3 dias durou
E confessou ao juiz
O s plano que o pae formou
E dando toda razão
Ao marido que os matou.

Francisco José já tinha
Entregado-se a prisão,
Ela pediu ao juiz
Que por sua intervenção
Procurasse do marido
Alcançar o seu perdão.

Porem Francisco José
Disse ao juiz de direito,
O que fizerem de mim
Eu achô que está bem feito
Porem um pedido dela
Eu morro mas não aceito...

Os parentes do Velozo
Povo muito entereceiro,
Não sentiram a morte dele
Mas, pensava no dinheiro...
E dizia fica tudo
Para aquele aventureiro.

Peitaram toda justiça
Para o réo ser condenado
Garantindo dividir
A terra, o dinheiro, e o gado,
Escravos, casas e joias
Estava tudo arrumado.

Desaparecendo o réo
Era um inventario feito
Por serem herdeiros legitimos

Parentes tinham direito,
Então ajuntou-se tudo
E foram procurar geito

Logo no primeiro jury
O réo teve votação,
Teve todos doze votos
O juiz como um dragão
Negou o alvorá ao réo
Apelou p'ra relação.

A relação que do crime
Tinha algum conhecimento
Mandou que metesse o réo
Em segundo julgamento
Tornou a ter doze votos
Foi o mesmo seguimento.

Tornou a ter apelação
Dada pelo promotor,
Apelou segunda vez
O tribunal superior
O tribunal rezolveu
Jury desenpatador.

Ao terceiro julgamento
Foi o réo submetido
Porem a justiça fez
Um jury bem escolhido
Condenaram o réo a morte
Por meio desconhecido.

Então condenaram sempre
O infeliz engeitado
Ali depois de 3 dias
Ia ser ele enforcado
Cada parente do morto
Já tinha o calculo formado

Estava o juiz de direito
O promotor e o escrivão
E os parente do morto
Com grande satisfação
Cada um que projetasse
Escolher melhor quinhão.

O réo não dizia nada
Ouvindo a sentença ler
Disse apenas: pouco importa
Uma vida se perder,
Vinguei a maior injura
Que um homem pode sofrer.

Uns nascem para viver
Eu nasci para a grillhotina
Estava o réo n'aquela hora
Pensando na triste sina
Quando chegou na cidade
O doutor Ibiapina.

Um soldado disse ao réo
Que o mandasse chamar
E disse; aquela sentença

Ainda se pode anular,
O doutor Ibiapina
Querendo pode o salvar.

Disse a praça: eu vou chamal-o
O réo lhe disse: pois vá
Diga-lhe que mando pedir-lhe
Que se puder venha cá,
Socorrer um infeliz!
Que nem sequer pode ir lá.

A praça foi ao hotel
Onde ele estava hospedado,
E disse-lhe: Senhor doutor
Venho trazer-lhe um recado:
Um réo pede que o socorra
Por Jesus Sacramentado!

Que réo é o que me chama?
Perguntou ele ao soldado:
E' um miseravel triste;
Que hoje vai ser enforcado
Ali contou todo crime
Da forma que foi passado

O doutor Ibiapina
Exclamou: que cousa feia
Oh! que questão pavoroza
E' esta que me rodeia!
Ahi pegou no chapéo
Se derigiu a cadeia.

Inda o jury trabalhava
Ibiapina chegou
Dirigiu-se a sala livre
Pedi licença e entrou
—Que deseja cavalheiro?
O juiz lhe perguntou.

Desejo ler a sentença
De um réo que foi condenado,
Disse o juiz de direito:
O réo foi sentenciado...
—Eu quero ver o processo...
Disse-lhe o advogado.

Disse o juiz de direito
Depois de examinar:
Com quem eu tenho a honra
Meu amigo, de falar?
O doutor Ibiapina,
Disse o juiz: pode entrar

Mas com relação ao réo
Não se pode arrumar nada,
Pois o jury condemnou-o
Ja foi a sentença dada
Por mim e o promotor
Foi aceita e assinada.

Disse-lhe Ibiapina
Faz o favor de mostrar
Eu quero ver o processo

Preciso o examinar
Eu sou defensor do réo
Tenho razão de falar.

Mande julgal-o de novo
Eu sou seu advogado,
Um réo com esse processo
Não pode ser condenado;
Mate-o, porem, com a lei
Assim não, está errado.

Veiu o pobre réo, de novo
Chegou de ferros, pesado,
Ibiapina ali disse:
—Eu nunca vi ser julgado,
Em parte alguma do mundo
Um ente tão desgraçado!

Todo homem tem um pae
Que o vendo sofrer, se importe
Que fale por ele e alegue
O revez de sua sorte;
Só um miseravel deste...
Disse apenas:--Réo de morte --

Se teve mãe não se lembra
Se teve pae nunca o viu
Hoje, tão ardua sentença!...
Senhores, em que cahiu?
N'um desgraçado que a sorte
Em sua face cuspiu.

Num homem sem oloquencia
Ninguém por ele afigura,
A quem se pode chamar
Uma infeliz creatura!...
Só abraça a miséria
Só escolhe a desventura

O promotor levantou-se
E a palavra pediu,
Disse-lhe: senhores jurados;
Deus é testemunha e viu
Duas vidas preciosas
Que esta fera concluiu.

Este monstro, este danado
Aborto da natureza,
Me parece inda ver nele
Sinal de sangue na preza
Não sei como d'um monstro desta
Um homem inda faz defeza.

Eu confio que os jurados
Confirmarão a sentença,
Vós todos estão a par
Da barbaridade immensa
Quem proteger esta fera
E' provado que não pensa.

O Ibiapina ergueu-se
E disse encolerizado:
— O illustre promotor!

Deve ser mais moderado
Não precisa ofender tanto
Quem já está tão maltratado!.

Digam senhores jurados
Qualquer de vós o que faria?
Se esta sorte negra e escassa
Atacasse a vós um dia?
O que este réo obrou
Qual de nós não obraria?.

Este homem naquela hora
De que forma não ficou?
A mulher em adulterio
Da forma que ele achou;
Desparando uma espingarda
A ambos os monstros matou.

O pae de sua mulher
Ele nunca esperaria!
A pessôa que o marido
Sua mulher mais confia,
E esse não respeitar
O que mais sagrado havia!...

O promotor disse ali:
Seu colega está aprovado;
Este monstro é assassino
E peca o advogado
Que inda procura meios
De salvar tal desgraçado.

Peço aos senhores jurados
Não atendam atenuante
Confirmem a pena de morte
Não pensem mais um instante
Esta fera é como lobo,
Urso, hyena, assim por diante.

Disse-lhe Ibiapina,
Ora! illustre promotor;
Admira-me bastante
Estas frases do senhor
O réo também é um homem!
Como eu e o doutor.

E seja a morte do réo
Como podiu neste instante
Prove primeiro se o crime
Tem circumstancia agravante
Não há sentença de morte
Havendo um atenuante.

Na Italia e na Inglaterra
Paizes civilizados,
Nos cazos de adulterios
Que tem sido encontrado
Os maridos matam as molheres
Que só assim são vingados.

Veja o grande Melo Freire
Criminalista instruido,
Jurisconsulto Europeu

Dá direito ao marido
Para matar sua esposa
Sendo por ela trahido,

Saiba illustre promotor
Que nós por sermos formados
Vestimos bom pano fino
Somos por todos cercados
Não estamos livre de cahir
Em momentos desgraçados.

Podem julgal-o juizes
Descarreguem a consciencia
Algum ha de ter mulher
E a mulher é uma essencia
E botem numa balança
Maldade, abuso innocencia.

Já bem vês homem infeliz
Eu gemo com tua dor
Pois sou sencivel aos teus males!
Sinto tambem seu clamor
Porque nunca vi alguem
Que fosse tão sofredor.

Meus olhos gotejam lagrimas
Pela tua sorte dura
Recomendas a tua alma
A Maria sacra e pura
Me parece estar te vendo
Descendo a sepultura.

Se não me engano já ouço
O triste bronze tocar,
Talvez que já seja a morte
Que a ti manda chamar!...
Aquelas frases fizeram
Todos na sala chorar.

Chorava todos do jurado
O promotor e o juiz,
Esse exclamou como louco:
Meu Deus! meu Deus! o que fiz!
Ia matando inocente
Um miseravel infeliz!

Ali entrou o concelho
Ibiapina saíu
Quando chogou no hotel
E o almoço pediu
Com pouco chegou o réo
Curvado a seus pés cahiu.

Levante-se, disse o doutor:
Não tem que me agradecer;
Quem deu-lhe a vida foi Deus
O mesmo que o fez viver,
Eu apenas fiz no jury
O que Deus mandou fazer.

FIM

Rejo. taylor

19195